

A esperança transforma a história: por uma pastoral mais escatológica

Tailer Douglas Ferreira ¹

Resumo: Na atual conjuntura, o sistema econômico e político neoliberal, lançando suas influências sobre a cultura, faz crescer uma contra-utopia do *status quo* que mergulha o ser humano numa apatia generalizada, negando a este qualquer alternativa de transformação da realidade. Não se tem mais utopias e a esperança parece haver morrido. No entanto, ainda é possível encontrar algumas forças utópicas que insistem em resistir e, dentre elas, a própria mensagem cristã, que desde sua perspectiva escatológica, quer ser uma palavra de esperança para o homem e para o mundo. Todavia, historicamente, percebe-se uma série de deslocamentos da reflexão escatológica e a sua estagnação como um mero tratado teológico que versa, muitas vezes fantasiosamente, sobre o fim da pessoa e do mundo. Não obstante, a redescoberta da escatologia pela teologia contemporânea, sobretudo as contribuições de Jürgen Moltmann, em sua obra *Teologia da esperança*, nos oferecem uma nova compreensão da escatologia cristã, que entendida na ótica de uma esperança ativa, é capaz de iluminar nossa pastoral e lançar nossas comunidades e a cada um de nós em projetos de transformação da história.

Palavras-chave: Escatologia; Esperança; Transformação; História; Pastoral.

1 A APATIA PÓS-MODERNA

O ser humano é um ser de possibilidades, de utopias, de esperança; não está fechado sobre si mesmo, mas tende para o futuro, para o novo, para o transcendente! Esse pressuposto antropológico é uma verdade incontestável. Todavia, ao lermos as principais marcas conjunturais do nosso tempo, percebemos que uma apatia generalizada tem impedido as pessoas de lançarem-se corajosamente ao futuro, através de projetos de transformação da realidade.

O grande engendrador dessa situação é o sistema neoliberal, que extrapolando os limites da economia e da política, lança sua influência sobre a cultura. A propagação de uma contra-utopia do *status quo* – alimentada pelas falsas imagens de uma ideologia triunfante, do modo de produção de máxima eficácia produtiva e distributiva, e da liberdade social e individualismo competitivo e consumista² – induz as pessoas a não vislumbrarem outro mundo possível. Ademais, o autocentramento do sujeito – conjugado de maneira paradoxal

1 Religioso da Ordem de Santo Agostinho, licenciado em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (2012) e bacharel em Teologia pelo Instituto São Paulo de Estudos Superiores (2017). Atualmente é responsável pela Promoção Vocacional e Animação Juvenil do Vicariato Agostiniano Nossa Senhora da Consolação do Brasil, Representante Institucional no Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte e Vigário Paroquial na Paróquia Nossa Senhora da Consolação e Correia, em Belo Horizonte - MG. E-mail: tailer.do@hotmail.com

2 Cf. MARDONES, José Maria. *Utopia, sociedade e religião*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 25-27.

com o valor da exterioridade – somado à inexistência da história e à negação da alteridade é a marca fundamental da cultura atual. Parece não haver esperança!

Ainda que com um olhar imediato sobre a atual conjuntura sócio-cultural e religiosa, não é também difícil perceber, mesmo diante de um crescente processo de secularização e do descrédito com relação às instituições religiosas, uma busca do humano pelo sagrado. Tal busca, no entanto, tem fortes acentos individualistas e, a experiência de Deus daí decorrente, parece pouco influir sobre a realidade comunitária e social. Numa perspectiva cristã, a vivência que deveria fermentar a realidade com a novidade evangélica, fica reduzida a uma mística sem ação, ou seja, a uma pseudo-mística.

2 A ESCATOLOGIA CRISTÃ: UMA PALAVRA DE ESPERANÇA

À realidade descrita acima se acrescenta, já nos limites da fé cristã, uma visão equivocada da sua dimensão escatológica, devido aos vários deslocamentos hermenêuticos por ela sofridos ao longo da história. Por vezes, sua eloquência como doutrina da esperança cristã se perdeu num emaranhado de especulações – na maioria das vezes, fantasiosas – sobre o fim da pessoa e do mundo. Relegou-se, sobremaneira, para o futuro, o estabelecimento do Reino de Deus. De fato, no futuro está o seu cumprimento pleno, porém, já aqui se começa a vislumbrá-lo através de sinais concretos. Ora, a partir de tal constatação, e por ela profundamente interpelados, motiva-nos nesse trabalho a busca por compreender essa tensão escatológica existente no cristianismo e como a esperança cristã pode fazer da nossa pastoral uma força de transformação histórica.

O Concílio Vaticano II, ao dedicar um capítulo inteiro de sua Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja para tratar da índole escatológica da Igreja peregrina e sua relação com a Igreja celeste, já nos aponta a importância que esse tema tem para a comunidade eclesial. Parece-nos que com essa atenção cuidadosa sobre o tema da escatologia, os padres conciliares ratificavam uma reflexão que já antes mesmo do concílio havia se iniciado e que agora ganhava forças para avançar.

A escatologia – apesar de se configurar como uma teologia mais negativa que positiva, no sentido que sabemos mais o que não é do que o que é, e tendo em vista que seus conteúdos devem ser interpretados mais em sentido pessoal que objetivo ou local – precisa ser melhor explicitada e aplicada em nossas vivências pastorais, afinal os enunciados relativos ao cumprimento nos remetem ao coração do mistério cristão.

O fato de ser também conhecida pelo nome *De novissimus* (Das coisas últimas), fez com que a escatologia fosse sempre a última problemática abordada no curso teológico. Todavia, a escatologia é a reflexão teológica que trata do fim e do cumprimento da criação e da história da salvação (individual e universal) a partir do mistério pascal de Cristo, ou seja, nele já se

encontra “o protótipo da condição final da humanidade como coroação do plano divino de criação e de salvação da pessoa.”³

Ao tratar do fim do indivíduo e da humanidade como um todo, a escatologia não se esquiva de tematizar questões como: a imortalidade da alma/ressurreição, purificação (purgatório), felicidade junto de Deus, fim do mundo, juízo final, céu/inferno, “alma separada”, ressurreição dos corpos, novo céu/nova terra. Não obstante, o que, em suma, se coloca em discussão é a esperança cristã: “tudo o que Deus criou para chamar a uma plenitude de vida não só não volta para o nada, mas acede em sua totalidade e em cada uma das suas partes à plenitude interior e durável de sua essência, ao ser admitido a participar da vida eterna de Deus.”⁴

Veja-se, de antemão, que o campo da reflexão escatológica é bem amplo. A esse somam-se ainda, como já mencionado, as diferentes perspectivas que o tema foi ganhando ao longo da história. Nosso interesse, no entanto, repousa sobre a redescoberta da escatologia pela teologia contemporânea. Nesse momento, assistiu-se a uma verdadeira irrupção do *eschaton* na história, tal como no cristianismo primitivo. O cumprimento prometido tornou-se um estímulo para a ação humana e, o *eschaton*, um questionamento. Como a dimensão escatológica da fé cristã pode iluminar nossa pastoral levando nossas comunidades e a cada um de nós a uma ação transformadora da história é, portanto, a grande questão norteadora desse nosso trabalho.

Tal redescoberta da escatologia na teologia contemporânea teve início, sobretudo, no mundo protestante.⁵ Já no mundo católico, a reflexão escatológica só ganhou maior propulsão a partir do Concílio Vaticano II.⁶ Dentre a gama de autores que trataram deste tema, parece-nos que a reflexão do teólogo alemão e luterano Jürgen Moltmann se faz a mais eloquente para pensarmos essa articulação entre escatologia e história, entre a esperança cristã e a transformação da realidade.

3 AS PROVOCAÇÕES DA TEOLOGIA DA ESPERANÇA DE JÜRGEN MOLTSMANN

A partir da sua própria experiência – Moltmann lutou na Segunda Guerra Mundial, foi preso e levado para um campo de concentração na Inglaterra – sua teologia centra-se sobre um ponto de vista particular: a esperança.

3 STANCATI, Tommaso. Escatologia. In: MANCUSO, Vito. *Lexicon Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 241-242.

4 GRESHAKE, Gisbert. Escatologia. LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 620.

5 Dentre seus principais nomes podemos destacar: Johannes Weiss, Albert Schweitzer, Paul Tillich, Karl Barth, Wolfhart Pannenberg, Jürgen Moltmann.

6 Dentre os teólogos católicos que trataram a questão encontramos: Karl Rahner, Hubert Lepargneur, Renold Blank, Leonardo Boff.

Além disso, a gente aprende a conviver com o arame farpado e com a vida sem liberdade. A gente procura apagar-se, para não ter dificuldades. (...) A gente não vive mais, apenas se deixa levar. Quando então tudo passou a ser indiferente, a gente não sente mais o arame farpado. (...) Mas no momento em que nossa vontade de viver se reacende e em que determinadas experiências, que chamamos de experiências de Deus, despertam em nós a esperança de viver, começamos a nos revoltar contra a apatia dentro de nós e contra o arame farpado ao redor de nós.⁷

É, portanto, a partir da esperança, e não somente sobre ela, que Moltmann teoriza e faz teologia. Não atoa é por isso considerado o pai da Teologia da Esperança.

Em 1964, Moltmann publicava sua *Teologia da esperança*, não para ser tão somente mais um manual de escatologia, entendida como uma parte, a última, da doutrina cristã, mas uma nova reflexão sobre a esperança cristã em perspectiva escatológica. Assim, já na Introdução, Moltmann afirma: “o cristianismo é total e visceralmente escatologia (...) o escatológico não é algo que se adiciona ao cristianismo, mas é simplesmente o meio em que se move a fé cristã (...) toda pregação e mensagem cristãs tem uma orientação escatológica”.⁸ Nesse sentido, a teologia e a pastoral como um todo devem ser pensadas a partir do futuro, e a escatologia deixar de ser o fim, para ser o princípio.

Moltmann entende a escatologia como esperança que parte de “uma determinada realidade histórica e prediz-lhe o futuro, suas possibilidades futuras e sua eficácia futura”.⁹ Tal futuro, que é o próprio futuro de Deus que vem, é acolhido pelo homem como promessa. É a promessa que o lança para frente, que o faz acreditar em um *novum* que ainda não se conhece. Desde a perspectiva cristã, portanto, é o anúncio de Jesus ressuscitado crucificado, da contradição entre cruz e ressurreição, que nasce a esperança para o ser humano. No Cristo todos podemos esperar algo de novo, ainda que se viva em meio à contradição gerada pela dor e sofrimento atuais. É a dinâmica do Reino de Deus, que embora já presente, ainda não o está totalmente. Nesse sentido é que a esperança nunca acalmará o *cor inquietum* do homem, mas é ela própria esse *cor inquietum* que o lança na transformação da realidade.

Para Moltmann, a esperança cristã é, sem dúvidas, uma força motriz capaz de transformar a história em vista do prometido por Deus. Não obstante, nos interpela: “Qual é, porém, o papel social a que esta sociedade moderna relegou a fé, a comunidade, a igreja e, por fim, o cristianismo?”¹⁰

7 MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 106.

8 MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. 3. ed. São Paulo: Editora Teológica: Loyola, 2005, p. 30.

9 MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*, p. 30.

10 MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*, p. 381.

Para responder a essa questão, Moltmann nos leva perceber que o cristianismo já não pode mais ser entendido como a religião da sociedade, com um lugar e função estabelecidos, como o foi desde Constantino até o advento da modernidade. Segundo ele, o processo emancipatório da modernidade se deu justamente frente ao centro religioso que com seu culto e diretivas morais ligava o humano ao divino, e, conseqüentemente, o celeste ao terreno. O caráter de *cultus publicus* foi substituído pelo de *cultus privatus*, e “a ‘religião’, de atividade pública e social, tornou-se ocupação privada e livre”.¹¹

Nesse sentido, segundo Moltmann, faz-se urgente superar alguns papéis sociais assumidos pela religião, pela Igreja no decurso da modernidade. O primeiro deles é a religião como culto à nova subjetividade. A metafísica da subjetividade engendrada pela modernidade colocou no centro a razão humana e a sua capacidade de submeter o mundo objetivo, ou seja, “o mundo tornou-se matéria da transformação técnica pelo próprio ser humano.”¹² Com isso, a fé foi relegada à subjetividade e espontaneidade do ser humano, que não pode ser objetivada, tampouco atingida pelas relações sociais. “Deus não é para ela um Deus do mundo ou da história, ou da sociedade, mas antes o Incondicional no meio do condicional, o além no aquém, o transcendente no imanente.”¹³ E o próximo, a quem se dirige o amor cristão, passa a ser entendido como o outro, aquilo que não sou eu, e não mais em sua realidade social concreta. Perde-se, portanto, a vinculação com a realidade e o discurso da fé torna-se irrelevante, sem conexão com a vida concreta.

Um segundo papel a ser superado é o da religião como culto à solidariedade humana. Segundo Moltmann, a compreensão da Igreja como uma comunidade de solidariedade e vida nada mais é do que um refúgio, uma ilha em meio ao mar das relações da sociedade planejada, racional e utilitária.

É preciso que fique bem claro que tal comunidade, concebida como “comunhão” e como “puro evento”, de modo algum produzirá inquietação e, muito menos, transformações nesta sociedade, pois dificilmente representa um parceiro eficiente para se contrapor às instituições sociais.¹⁴

A comunidade torna-se um gueto, falando para o interior de si mesma, sem implicar-se nos problemas concretos do mundo.

Moltmann acena ainda para o papel da religião como culto à instituição. Se entendemos o processo de institucionalização como o que garante ao ser humano a superação das ameaças e inseguranças da vida, as instituições assumem o papel de libertar o homem da pressão das decisões em tempos de insegurança. Contudo, com isso fica também suspensa a busca pessoal do sentido da existência. Como a instituição é aquela que detém todas as

11 MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*, p. 387.

12 MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*, p. 388.

13 MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*, p. 391.

14 MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*, p. 399-400.

respostas, cabe àqueles que dela fazem parte apenas acatar suas determinações. Assim, se a decisão de fé é relegada à instituição Igreja, nasce a atitude religiosa da não-obrigatoriedade institucionalizada. O ser cristão torna-se uma evidência social, e não uma adesão pessoal capaz de transformar o meio social.

Pondera Moltmann,

se o cristianismo quer e deve ser outra coisa, segundo a vontade de Cristo, em quem crê e a quem espera, deve tentar nada menos do que irromper para fora desses papéis sociais assim fixados. (...) Somente quando ele aparecer como grupo que, do ponto de vista social, não se adapta perfeitamente e é incapaz de se adaptar; (...) só assim se defrontará com esta sociedade, em uma rivalidade carregada de conflito, mas frutuosa. Somente quando sua resistência o mostrar como um grupo não assimilável, e não oportunista, pode ele transmitir a esta sociedade sua própria esperança.¹⁵

4 POR UMA PASTORAL ACENEDORA DE ESPERANÇA

O que se coloca em discussão aqui é a própria eloquência da mensagem cristã para o mundo de hoje. E nisto reside a importância de se compreender o cristianismo, e consequentemente nossa pastoral, no horizonte da espera pelo Reino de Deus, ou seja, em sua perspectiva escatológica. Ele não é uma realidade em si e para si, mas aponta para algo que o transcende. A Igreja, como uma comunidade exodal, segue os passos de seu Mestre e Pastor só se identifica com Ele na medida em que continua a sua missão: servir o mundo; não ser para si, mas para os outros; romper as cadeias da indiferença, da apatia e missionar a esperança.

A missão está a serviço do despertar de uma esperança viva, ativa e apaixonada pelo reino de Deus, o qual vem ao mundo para transformá-lo. (...) Toda a cristandade é chamada ao apostolado da esperança em favor do mundo e nele encontra sua essência, isto é, aquilo que a torna comunidade de Deus. Ela não é em si mesma a salvação do mundo no sentido de que o eclesiasticismo do mundo significasse sua salvação, mas está a serviço da salvação futura do mundo e é como o indicador do futuro para o mundo.¹⁶

A reconciliação com Deus (cf. 2Cor 5,18ss), meta da missão cristã, não deve, portanto, ser entendida numa perspectiva meramente individual, como salvação das almas, libertação de um mundo mau, consolo da consciência angustiada. Salvação encontra-se aqui na mesma perspectiva do *shalom* veterotestamentário: “realização da *esperança escatológica de justiça*,

15 MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*, p. 403-404.

16 MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*, p. 408.

humanização do ser humano, *socialização* da humanidade, *paz* em toda a criação”.¹⁷ Com essa interpretação podemos atingir uma melhor compreensão da dimensão escatológica da fé cristã, superando as especulações meta-históricas formuladas ao longo dos séculos. O cristianismo, desde uma perspectiva escatológica, não é um pacificador religioso das consciências, mas um impulso de transformação da vida pública, social e política do ser humano, no hoje da história.

Destarte, a vocação do cristianismo na sociedade não é mera propagação e apologia da fé, mas antes de tudo, transformação histórica da vida. Ao levantar a questão do sentido, a esperança cristã questiona a ausência de questões, a desesperança, o nada, a morte. Com isso, busca sempre superar “o atual e o presente pela orientação para o novo esperado e procura ocasiões para fazer corresponder sempre mais a realidade presente ao futuro prometido.”¹⁸ Impõe-se aos cristãos, portanto, um “seguimento criativo”, uma pastoral criativa, que rompa com as ordenações sociais e jurídicas e a sua manutenção. A vida só tem sentido quando engajada. E, segundo Moltmann, “para engajar-se na exteriorização de si mesmo, é necessário ter um horizonte de esperanças que dê sentido à exteriorização, um horizonte de esperanças que abranja os campos e os terrenos em que o trabalho da exteriorização se deva realizar, e para os quais se realiza”.¹⁹

Enfim, o mundo não está concluído, mas em processo histórico. A história não chegou ao seu fim! É possível vencer a apatia pós-moderna, a falta de esperança! É possível despertar o ser humano para a exteriorização amorosa e serviçal! Outro mundo é possível! Só nos cabe, como poetizou certa vez um grande profeta da esperança, Dom Helder Câmara, “acender cem vezes, mil vezes, um milhão de vezes a esperança, que ventos perversos e fortes teimam apagar”. Eis um caminho para nossa pastoral; eis a nossa vocação: acendedores de esperança!

REFERÊNCIAS

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.

MARDONES, José Maria. *Utopia, sociedade e religião*. São Paulo: Loyola, 1999.

MANCUSO, Vito. *Lexicon Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.

MOLTMANN, JÜRGEN. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MOLTMANN, JÜRGEN. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. 3. ed. São Paulo: Editora Teológica: Loyola, 2005.

17 MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*, p. 409.

18 MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*, p. 411.

19 MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*, p. 419.